

A problemática da Ciência da Religião: um trajeto teórico a partir de Joachim Wach

The problematic of the Study of Religion:
a theoretical path based on Joachim Wach

Mailson Fernandes Cabral de Souza¹

RESUMO

O propósito deste artigo é examinar como Joachim Wach aborda a problemática da Ciência da Religião em sua tese de livre-docência e como ela é retomada em quatro ensaios publicados pelo autor entre os anos 1930 e 1950. Nossa intenção é identificar as continuidades e discontinuidades em seu modo de pensar a disciplina Ciência da Religião e, ao mesmo tempo, reconstituir parte da situação teórica, histórica e institucional em que sua reflexão está inserida. Essa leitura será realizada com base no conceito de problemática científica e na cartografia discursiva das práticas científicas. Ao término de nosso exame, pudemos constatar que, apesar de seu modo de conceber a problemática da disciplina oscilar ao longo das décadas, Wach mantém uma coerência interna em seu modo de pensá-la, revelando-nos os impasses que marcavam o estudo comparado das religiões na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Ciência da Religião; Joachim Wach; Problemática; Cartografia.

ABSTRACT

This article examines how Joachim Wach addresses the issue of the Study of Religion in his habilitation thesis, and how it is taken up in four essays published by the author between the 1930s and 1950s. Our intention is to identify the continuities and discontinuities in his way of thinking about the Study of Religion discipline while, at the same time, reconstituting part of the theoretical, historical and institutional situation in which its reflection is inserted. This reading will be carried out based on the concept of scientific problematic and the discursive cartography of scientific practices. At the end of our exam, we realize that despite his approach to the discipline's problems fluctuating over the decades, Wach maintains an internal coherence in his way of thinking about it. This reveals the impasses that marked the comparative study of religions in the first half of the 20th century.

Keywords: Study of Religion; Joachim Wach; Problematic; Cartography.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2023). Realiza estágio pós-doutoral em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais com bolsa CNPq. E-mail: mailsoncabral@yahoo.com.br

Introdução

Toda disciplina acadêmica possui um conjunto de autores e obras que geralmente atribuímos o título de clássicos, sendo eles os elementos referenciais para a constituição teórico-metodológica de uma disciplina em questão. Por mais que as opiniões possam variar e até mesmo divergir a respeito dos motivos que levaram um autor ou obra a serem considerados como um clássico, o seu valor para entendermos o percurso histórico de uma disciplina é essencial. Um clássico, nesse sentido, possui uma função referencial, seja para definir a nossa prática de pesquisa em relação a ele ou mesmo contra ele. No caso da Ciência da Religião, tal situação não é diferente, existindo, na atualidade, o interesse por uma retomada dos clássicos da disciplina por parte dos cientistas da religião brasileiros, com o resgate e tradução de textos de autores como Max Müller, Cornelis Petrus Tiele, Chantepie de la Saussaye, Joachim Wach, William Brede Kristensen e Raffaele Pettazzoni (Müller, 2020; Tiele, 2018; Saussaye, 2022; Wach, 2018; Kristensen, 2024; Pettazzoni, 2016).

Esse interesse está atrelado, em grande medida, a uma dupla temática emergente no cenário nacional da área desde meados da década de 2010: como traçar a genealogia de um quadro teórico-metodológico próprio à Ciência da Religião e elaborar uma defesa de sua autonomia disciplinar (Souza, 2023). Tais questionamentos são expressões da tentativa de superar a ideia, ainda bastante difundida no Brasil, de que a Ciência da Religião não seria uma disciplina autônoma, mas sim um agregado de disciplinas que possui um objeto-tema em comum, sendo mais conveniente, nesse sentido, nomeá-la de *Ciências da Religião*. Essa compreensão se assenta em um profundo desconhecimento do desenvolvimento histórico da disciplina Ciência da Religião, fruto do modo como a área foi concebida no Brasil: em desconexão com sua história internacional².

Essa retomada dos clássicos da Ciência da Religião também assume, por sua vez, uma dupla função: o resgate de um rico espólio teórico-metodológico e a construção de uma compreensão disciplinar da Ciência da Religião que ao invés de aderir irrefletidamente a esse conhecimento, mobilize-o em favor das demandas enfrentadas pelos cientistas da religião brasileiros. Esse resgate também envolve um trabalho crítico e criativo de leitura, a fim de entender como uma determinada problemática científica foi formulada em um dado contexto e suas eventuais reformulações e transformações ao longo do tempo. Trata-se, em outras palavras, de estar atento para a processualidade interna que é inerente à produção de conhecimento das ciências.

No presente ensaio, direcionamos nossa atenção para um dos autores clássicos da Ciência da Religião: Joachim Wach (1898-1955). Mapeamos como ele concebe a problemática da disciplina ao longo de sua carreira a fim de demarcar as recorrências e discontinuidades em seu modo de pensar a tarefa da disciplina. E, paralelamente a esse rastreamento, reconstituímos parte da conjuntura teórica, histórica e institucional em que a reflexão de Wach sobre a Ciência da Religião estava inserida na primeira metade do século XX. Realizamos essa leitura a partir do conceito de *problemática* e da *cartografia discursiva das práticas científicas*. Passemos à apresentação do ferramental conceitual-metodológico de nossa investigação.

² Para uma apreensão detalhada dessa questão, conferir Pieper (2018), Costa (2019) e Souza (2023).

1. O conceito de problemática e sua utilização em uma cartografia discursiva

As ciências constituem um meio de produção de conhecimento, porém não de qualquer conhecimento. O conhecimento científico se ocupa da investigação do mundo empírico, sendo no nível das questões, métodos e conceitos que uma prática científica pode ser reconhecida. Em razão disso, a atividade científica pressupõe a criação de um plano de referência que permita estabelecer regras capazes de correlacionar os elementos que compõem um determinado aspecto da realidade que se pretende investigar. Por conseguinte, a produção do conhecimento científico visa identificar os tipos de relações observáveis sobre o que é estudado, que funcionamentos podem ser descritos e como eles devem ser interpretados. Em resumo, é o modo como uma *problemática* é elaborada que define a regionalidade e a coerência de uma prática científica.

Porém, o que é uma problemática? Segundo Althusser (2015, p. 23), uma problemática designa “a unidade específica de uma formação teórica e, por conseguinte, o lugar dessa diferença específica”. A problemática é aquilo que demarca a singularidade de uma prática científica e o discurso teórico que lhe é subjacente, bem como a dimensão ideológica de que o conhecimento científico busca se desvencilhar. Nesse sentido, o conceito de problemática permite que se evidencie a *estrutura sistemática típica* que unifica os elementos de um pensamento, conferindo-lhes coesão, bem como possibilita “descobrir um *conteúdo determinado* nessa unidade, que permite, ao mesmo tempo, conceber o *sentido* dos ‘elementos’ da ideologia considerada e *relacionar essa ideologia com os problemas em que ele vive*” (Althusser, 2015, p. 51, grifos do autor). Sob essa ótica, distinguir-se-iam dois tipos de problemáticas: a *problemática ideológica*, direcionada por uma demanda social que funciona como uma comanda social (com a *ideologia* fornecendo o sistema de perguntas que direciona as respostas sobre uma dada questão³); e a *problemática científica*, cujos critérios de validação só podem ser conferidos pela própria prática científica, em função de uma norma que lhe seja interna.

Seguindo essa linha de reflexão, Pêcheux (1969, p. 294, tradução nossa) argumenta que uma problemática científica necessariamente se define “em relação a um ou diversos campos de conceitos científicos e (ou) ideológicos, e em relação a um ou a diversos campos de instrumentos ou dispositivos”. Segundo Pêcheux (1969, p. 294, tradução nossa), a condição para que o discurso teórico de uma ciência produza um efeito de conhecimento, ao invés de um efeito ideológico, é que ele intervenha “no nível de conceitos segundo os quais se define a problemática”. Cartografar uma problemática científica, para o autor, implica reconhecer os elementos ideológicos em relação aos quais ela se demarca e identificar os elementos científicos importados de outras disciplinas que intervêm em sua construção. Ligado a isso, é indispensável determinar que tipo de relação uma problemática mantém com seus dispositivos (instrumentos) – se são relações de dominação, de exploração ou de dependência –, e examinar as sucessivas formas que uma conjuntura teórica adquire ao longo do tempo. Com essas diretrizes, Pêcheux entende ser possível saber sobre que território no conjunto da prática social uma prática científica tem jurisdição.

³ Althusser (2015) conceitua a ideologia como um sistema de representações composto de existência e de papel histórico na sociedade. Para o autor, a ciência se distingue da ideologia pelo fato de que, na ideologia, prevalece a função social sobre a função teórica, ao passo que a ciência surge se destacando da ideologia de seu passado, revelando esse passado como ideológico. Em trabalhos posteriores, o eixo dessa reflexão é deslocado para a relação entre ideologia e sujeito, investigando-se como a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e os meios que ela assegura para ser reproduzida.

Do ponto de vista de uma *cartografia discursiva das práticas científicas*, uma problemática científica está situada nas formas históricas do processo de produção de conhecimentos. Nesse sentido, a *historicidade* de uma problemática e o conjunto de questões teóricas, políticas e históricas que nela se entrelaça se tornam um interessante objeto de investigação a ser cartografado, permitindo “encontrar o processo de produção de conhecimentos científicos em seu fluxo produtivo, isto é, na tecitura dos conceitos e polêmicas que fundamentam uma prática científica em uma dada época” (Souza, 2023, p. 63). Dito de outro modo, a historicidade em que uma problemática está entretecida discursivamente funciona como um índice para encontrarmos “todo tipo significativo de conexões que abram caminhos e indiquem direções para rastrear o encadeamento e coerência de questões, métodos e conceitos de uma problemática científica em sua processualidade interna” (Souza, 2023, p. 63).

Em suma, a cartografia discursiva das práticas científicas reconstitui as etapas de formação de um conceito científico a partir das suas condições verbais de existência (palavras, expressões e proposições) em uma dada época, a fim de estabelecer uma história das filiações conceituais e dos elementos ideológicos em relação aos quais uma problemática se demarca (Souza, 2023). Em nosso estudo, utilizaremos esse método de leitura para mapear como Joachim Wach apresenta a problemática da Ciência da Religião, rastreando o desenvolvimento conceitual do que ele define como a *tarefa* da disciplina. Tal definição, inicialmente apresentada por Wach em sua tese de livre-docência, em 1924, é retomada pelo autor nas décadas seguintes em pelo menos quatro os textos: a) *The history of religions (Religionswissenschaft)* (1930), tradução do alemão para o inglês publicada em *Introduction to the history of religions* (Wach, 1988a); b) *The meaning and task of the history of religions* (1935), tradução do alemão para o inglês publicada em *Understanding and Believing* (Wach, 1968); c) *The place of the history of religions in the study of theology* (1947), republicado em *Types of religious experience* (Wach, 1951); d) *On teaching history of religions* (1950), republicado em *Essays in the history of religions* (Wach, 1988c). A fim de estabelecer as condições para avançar nesse mapeamento, convém apresentar como Wach concebe a tarefa da disciplina em sua tese de livre-docência.

2. A problemática da Ciência da Religião na tese de livre-docência de Joachim Wach

Em 1924, Joachim Wach defende sua tese de *livre-docência*⁴ para se tornar professor da cátedra de Ciência da Religião junto ao departamento de Filosofia da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Esse ensaio, intitulado *Religionswissenschaft: Prolegomena zu ihrer wissenschaftstheoretischen Grundlegung* (Ciência da Religião: prolegômenos para sua fundamentação teórico-científica⁵), é um clássico no debate sobre os fundamentos teórico-metodológicos da Ciência da Religião, além de ser um importante registro do debate sobre a constituição e autonomia da disciplina no começo do século XX. Em sua investigação, Wach (1988a) elenca alguns dos principais

⁴ A *Habilitationschrift* é a tese que uma pessoa que já tem doutorado faz nos países de língua alemã para obter o seu título de livre-docência.

⁵ Em língua alemã, a expressão utilizada por Wach para designar o estudo comparado das religiões é *Religionswissenschaft*. Em língua inglesa, esse termo foi traduzido como *History of Religions*. Optamos por sempre traduzir a expressão como Ciência da Religião, preservando a ideia de disciplina autônoma, além de evitar que o estudo comparado das religiões seja confundido com uma subdisciplina da História.

problemas que marcavam o desenvolvimento da disciplina em seu tempo: os embates travados com a Teologia para a consolidação institucional da Ciência da Religião na Alemanha e as relações fronteiriças nem sempre muito precisas que a Ciência da Religião possuía com outras disciplinas, desfavorecendo sua emancipação disciplinar. Nesse contexto, Wach (1988a, p. 4, tradução nossa) defende o teor empírico da Ciência da Religião, afirmando que ela tem como objeto as religiões dadas empiricamente, a fim de que ela “seja mantida separada da Filosofia da Religião e para assegurar a ela um lugar igual na ordem dos estudos humanísticos empíricos”, assim como sejam estabelecidas bases metodológicas precisas para uma distinção entre os ramos investigativos que a integram.

Apesar de a Ciência da Religião ter como seu ponto de partida o estudo empírico, isso não implica que o seu trabalho seja meramente descritivo. Segundo Wach (1988a), ainda que a descrição disponibilize resultados fundamentais e imprescindíveis, a experiência religiosa envolve atitudes definidas e diversas formas históricas de expressão, sendo necessário mobilizar tanto um estudo descritivo como sistemático para compreendê-la. Em razão disso, Wach (1988a) estrutura as frentes de trabalho da Ciência da Religião em dois ramos: o *estudo histórico das religiões*, responsável pelas descrições históricas das formações religiosas concretas, e o *estudo sistemático das religiões*, responsável pelo trabalho de sistematização e interpretação das formas de expressão religiosa (tais como doutrina, culto e constituição de uma comunidade religiosa). Nas palavras de Wach (1988a, p. 49, tradução nossa), “a tarefa da Ciência da Religião é estudar e descrever as religiões empíricas. É uma disciplina descritiva e interpretativa, não normativa. Quando tiver estudado historicamente e sistematicamente os fenômenos religiosos concretos, cumpriu a sua tarefa”.

Em síntese, Wach entende que não devemos perder de vista a dimensão sistemática da religião ao estudar suas formas históricas, bem como não devemos negligenciar a historicidade dos fenômenos religiosos durante sua sistematização, sendo necessário apreendê-los conjuntamente. Somado a isso, Wach (1988a) defende a aplicação metodológica da *suspensão de juízo* (um colocar entre parênteses) em relação à validade dos atos e conteúdo de um fenômeno religioso, a fim que o cientista da religião possa tratar tanto dos elementos racionais como dos aspectos não-racionais da religião, bem como contrastar *comparativamente* as semelhanças e diferenças entre os fenômenos religiosos em sua prática de pesquisa⁶.

No que Wach nomeia como a *tarefa* da disciplina, podemos identificar a sua *problemática científica*, uma vez que nela se localiza o lugar da *diferença específica* da Ciência da Religião, ou seja, o estudo e a descrição das religiões empíricas e o teor não-normativo desse estudo, diferenciando-o da pesquisa em Teologia e Filosofia da Religião. O que estrutura e determina o campo investigativo da disciplina (sua *estrutura típica e conteúdo determinado*) é o estudo histórico e sistemático das religiões concretas, metodologicamente ancorado na suspensão de juízo e no trabalho comparativo. Em resumo, Wach busca enfatizar não só o caráter empírico da Ciência da Religião e seu delineamento metodológico, mas também sua singularidade na ordem dos estudos humanísticos, fornecendo-lhe um consistente modelo de formalização.

⁶ Em sua tese de livre-docência, Wach descreve detalhadamente as especificidades metodológicas da disciplina (a suspensão de juízo e o método comparado) e o funcionamento de seus dois ramos. Não nos deteremos nestes aspectos, mas sim no rastreamento de como Wach pensa a tarefa da Ciência da Religião.

Tal proposta, inicialmente formulada em 1924, é retomada em quatro ensaios publicados por Wach entre os anos de 1930 e 1950 que, apesar de marcarem momentos distintos de sua trajetória acadêmica – uma parte na Alemanha (1924-1934) e outra parte nos Estados Unidos (1935-1955) –, evidenciam uma continuidade em relação a essa questão, ainda que com eventuais reelaborações. Os dois primeiros textos, formulados no contexto universitário alemão, destacam uma relação mais acentuada com a sua tese de livre-docência, ao passo que os dois últimos buscam uma ampliação do horizonte de aplicação e ensino da disciplina no contexto norte-americano. A maneira como a problemática da Ciência da Religião é abordada nesses quatro ensaios constitui o objeto de nossa atenção cartográfica nas próximas páginas.

2.1. *A Ciência da Religião como o estudo do devir das religiões na história*

Em *History of religions (Religionswissenschaft)*, ensaio formulado para servir como verbete na enciclopédia *Die Religion in Geschichte und Gegenwart* e publicado pela primeira vez em 1930, Wach apresenta uma síntese de alguns dos principais pontos debatidos em sua tese de livre-docência, além de trazer novos elementos para a sua reflexão teórica sobre a disciplina. Wach (1988b) defende que a designação Ciência da Religião se aplica à produção de uma investigação acadêmica sobre a religião que tem como ponto de partida o estudo da natureza e da forma das religiões históricas, possuindo o status de uma disciplina não-normativa. Nesse sentido, seria tão impossível para a Ciência da Religião “empreender e cumprir objetivos teológicos como é para a Teologia substituir a Ciência da Religião” (Wach, 1988b, p. 159, tradução nossa). Tendo em vista que o foco investigativo da Ciência da Religião vai da descrição de fenômenos históricos à sua interpretação, Wach procura mostrar até que ponto a disciplina poderia empreender tarefas que estão para além da investigação histórica sem que isso implique em uma mudança de terreno para a Filosofia da Religião:

Deveriam os cientistas da religião explorar a natureza essencial (*Wesen*) da religião? Deveriam identificar regularidades típicas e avaliar diversas formas religiosas? É evidente que tais questões conduzem mais ou menos diretamente à Filosofia, de modo que aqui a Ciência da Religião se transforma em Filosofia da Religião. É possível discutir se toda a Filosofia da Religião não deveria ser incluída na Ciência da Religião, mas apesar das suas interligações, o estudo científico (*Wissenschaft*) e a Filosofia são distintos. Portanto, devemos reconhecer claramente que as tarefas da Ciência da Religião e as da Filosofia da Religião são fundamentalmente diferentes (Wach, 1988b, p. 160, tradução nossa).

De acordo com Wach, existe uma diferença de natureza entre as duas disciplinas. Embora a Ciência da Religião possa nos conduzir até questões de teor filosófico, esse não é o seu dever ou principal aspecto. A dimensão não-normativa da Ciência da Religião faz com que ela tenha necessariamente como ponto de partida as formas de expressão da experiência religiosa empiricamente observáveis. Se essa observação e seu posterior trabalho de sistematização abrem espaço para a especulação filosófica, ultrapassar essa fronteira não concerne à Ciência da Religião. A especificidade do procedimento investigativo da Ciência da Religião, isto é, *raciocinar a partir das formas religiosas para o que lhe é interno*, tal como reconhece o próprio Wach (1988b), não é uma tarefa fácil, ainda que grande parte do trabalho da disciplina consista precisamente nisso.

Para o autor, tal dificuldade ocorreria devido à experiência religiosa, em si mesma, estar além de qualquer descrição e as respectivas expressões dela decorrente nos fornecerem apenas uma visão parcial dessa experiência.

Em função dessa especificidade com que a pesquisa em Ciência da Religião se depara, Wach esboça uma teorização sobre a experiência religiosa. Ele afirma que, ao tratarmos de experiências culturais não religiosas, lidamos com algo que é familiar, ao passo que a experiência religiosa “relaciona-se com o absoluto, independentemente de como esse absoluto possa ser constituído ou definido” (Wach, 1988b, p. 160, tradução nossa). Por essa razão, as categorias geralmente utilizadas para caracterizar as demais expressões do espírito humano – como, por exemplo, as artes, o direito e a economia – não podem ser diretamente aplicadas à Ciência da Religião. Dito de outro modo, existiria uma especificidade do *objeto religião* (experiência religiosa e suas formas de expressão), tornando necessário que a disciplina desenvolva categorias adequadas para a sua investigação, ao invés de simplesmente replicar as que são advindas de outras disciplinas. Em suas palavras:

[...] devemos insistir fortemente que a Ciência da Religião tem o direito de desenvolver conceitos gerais, seja através da generalização, da análise fenomenológica, ou de algum outro método. [...] O trabalho histórico, que é naturalmente básico para a Ciência da Religião, exige absolutamente que formulemos conceitos gerais se quisermos estruturar e examinar os fenômenos históricos (Wach, 1988b, p. 161, tradução nossa).

Em resumo, é a capacidade de desenvolver conceitos e categorias para a análise do objeto religião, o que demarca a singularidade de uma prática científica para a qual possa se reservar o nome de Ciência da Religião. E uma vez que o objeto religião é pensado como um fenômeno histórico, Wach entende ser necessária a formulação de conceitos gerais que permitam estruturar e examinar esses fenômenos objetivamente. Nesse contexto, o autor demarca a especificidade da disciplina nos seguintes termos:

A Ciência da Religião estuda a multiplicidade das religiões empíricas. O objetivo é *explorar, compreender e retratar* as religiões empíricas, tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento – “longitudinalmente no tempo” ou diacronicamente - quanto no que diz respeito ao seu ser – “em cortes transversais” ou sincronicamente (Wach, 1988b, p. 161-162, tradução nossa, grifos do autor).

Nessa passagem, Wach retoma a ideia dos dois ramos da Ciência da Religião: o estudo histórico das religiões (seu *desenvolvimento* longitudinalmente no tempo) e o estudo sistemático das religiões (seu *ser* apreendido transversalmente em suas manifestações históricas). Ao afirmar que o objetivo da Ciência da Religião é *explorar, compreender e retratar* as religiões empíricas, Wach esquematiza o procedimento investigativo a ser empreendido pela disciplina. Para o autor, a Ciência da Religião deve explorar as religiões empíricas adotando “o método histórico-crítico desenvolvido nos estudos humanísticos”⁷ (Wach, 1988b, p. 162, tradução nossa). Após essa

⁷ Embora não detalhe o que entende por método histórico-crítico, esse ponto é explicado em sua tese de livre-doutorado. Para o autor, o trabalho de todos os estudos humanísticos é histórico na medida em que não têm tarefas normativas a cumprir; por isso, designar “os procedimentos de todos os estudos humanísticos como ‘históricos’

exploração, caberia tentar *compreender* tanto a religiosidade que investiga como as suas formas de expressão por meio de um esforço interpretativo: “Uma manifestação religiosa deve ser entendida como uma manifestação religiosa. Assim, quem deseja lidar com tais dados deve possuir certa sensibilidade para sentimentos e pensamentos religiosos” (Wach, 1988b, p. 162, tradução nossa). Em outras palavras, uma postura hermenêutica é necessária diante dos *documentos religiosos* (quer representem uma fé viva ou uma forma religiosa extinta), a fim de que ela possa direcionar a reflexão “sobre os pré-requisitos, condições, objetivos e limites que regem a compreensão que o estudioso tem de tais documentos” (Wach, 1988b, p. 162, tradução nossa). Após a exploração e a interpretação, cabe ao estudioso *apresentar* seus resultados de forma adequada ao tema em questão e, ao mesmo tempo, informativa ao leitor (Wach, 1988b).

Para Wach, seguir esse procedimento permitiria ao cientista da religião estudar a multiplicidade de formas religiosas sem que isso implique confundir a sua prática de pesquisa com a dos estudos teológicos, filosóficos ou mesmo psicológicos sobre religião. Isso o levará a reformular a tarefa da Ciência da Religião, ampliando o seu alcance:

A tarefa da Ciência da Religião é a compreensão histórica no sentido amplo do termo. Os cientistas da religião estudam o desenvolvimento – o *Devir* – das religiões, suas formas e seus destinos no mundo. O problema filosófico e psicológico da origem da religião está fora da competência desta disciplina. A Ciência da Religião tenta antes de tudo compreender uma religião por si só, estudar o desenvolvimento das ideias religiosas na multiplicidade das suas formas empíricas e as interligações e interações destas formas com as outras manifestações do mundo sócio-histórico⁸ (Wach, 1988b, p. 164, tradução nossa).

É a compreensão do *Devir* das religiões na história, suas formas e destinos, o que interessa especificamente à disciplina Ciência da Religião. Em outros termos, isso significa que o cientista da religião busca apreender a processualidade do objeto religião e não a sua origem ou finalidade. A percepção de empiricidade que lastreia o procedimento metodológico da Ciência da Religião a conduz a tentativa de compreender uma religião a partir de sua lógica interna, bem como rastrear sistematicamente o desenvolvimento das ideias religiosas na multiplicidade das formas religiosas enquanto fenômeno histórico. São essas formas empíricas que permitem ao pesquisador analisar as interligações e interações que o objeto religião possui com outras manifestações do mundo sócio-histórico. E é justamente por não se limitar apenas à investigação de como este ou aquele fenômeno religioso se constituiu em um dado momento ou outro, suas manifestações e efeitos, que a Ciência da Religião pode formular percepções mais abrangentes,

apenas denota sua oposição a tudo o que é normativo. No entanto, ‘histórico’ nesse sentido não contrasta com ‘sistemático’, mas o tratamento sistemático é incluído no histórico” (Wach, 1988a, p. 95, tradução nossa).

⁸ A citação acima retoma as linhas que encerram sua tese de livre-docência: “A Ciência da Religião procura estudar, compreender e interpretar as religiões. Ela procurará primeiro esclarecer o seu devir, o seu surgir, o seu declínio – numa palavra, a sua história. Mas a Ciência da Religião não pode se contentar com sequências meramente históricas e com o rastreamento de desenvolvimentos. Cortes transversais devem ser feitos. O estudo sistemático, a interpretação e a apresentação devem partir de pontos centrais e decisivos. Tal estudo transcende o histórico para complementá-lo ou completá-lo; mas, nos fundamentos, aponta para o histórico como sua fonte, seu lar. Como resultado, a sistematização não é a solução definitiva; em certo sentido, ela é circunscrita pela história” (Wach, 1988a, p. 142, tradução nossa).

de teor comparativo e sistemático, ultrapassando a mera descrição em direção à *ideia* (Wach, 1988b).

A questão da ideia, não devemos nos enganar, não corresponde ao retorno a uma concepção de essência atemporal da religião⁹. Por não se tratar apenas de um fenômeno de natureza individual, mas também comunitário e social, a religião permite que os indivíduos partilhem algo em comum entre si, capaz de uni-los como um grupo, assim como ela também pode ser reciprocamente condicionada pela comunidade. Nesse sentido, defenderá o autor, a Ciência da Religião estuda a religião “como um fenômeno interno e externo, e estuda esta última em termos de formas teóricas (mito, doutrina, dogma), práticas (culto, rito) e sociológicas (comunidade religiosa, congregação)” (Wach, 1988b, p. 165, tradução nossa). Esse aspecto comunal da experiência religiosa aproximaria a Ciência da Religião da Sociologia da Religião. Tal aproximação, apesar disso, é tão somente sugerida ao término do ensaio, desenvolvida em uma obra posterior: *Sociology of Religion*, publicada em 1944 (Wach, 1990).

2.2. *A Ciência da Religião como uma disciplina destinada à compreensão das religiões como totalidades vivas*

Em *The meaning and task of the history of religions (Religionswissenschaft)*, texto publicado originalmente no periódico *Zeitschrift für Missionskunde und Religionswissenschaft* no ano de 1935, encontramos uma reflexão mais amadurecida de Wach. Nesse ensaio, ele busca pensar não só um enquadramento teórico da disciplina, mas também situá-la em um contexto acadêmico e cultural mais amplo, o que inclui a possibilidade de aplicá-la ao campo dos estudos missionários e uma defesa do ganho cultural que ela oferece para o estudante de religiões.

Ao se questionar sobre a razão da existência de uma disciplina como a Ciência da Religião, Wach (1968) traça uma diferenciação precisa entre ela e a Teologia. Conforme argumenta, não é o propósito da Ciência da Religião suplantando o lugar da Teologia, visto que esta última tem por tarefa identificar as normas confessionais da tradição de fé a que se vincula, estando preocupada em compreender e confirmar essa tradição. Já para a Ciência da Religião, o que está em questão é estudar e descrever as religiões em sua multiplicidade. Outro fator importante para Wach é que a Teologia se ocuparia apenas do estudo do Cristianismo, seja em suas vertentes católica ou protestante, ao passo que as demais religiões seriam estudadas pela Ciência da Religião.

Aqui talvez seja oportuno fazer uma digressão. Com efeito, a Ciência da Religião, assim como as demais expressões da cultura científica que emergiram entre o final do século XVIII e o começo do século XX no continente europeu, carregam traços em seu desenvolvimento

⁹ Ao invés de evocar o conceito de essência, Wach prefere decompor o ponto central (*Lebensmittelpunkt*) de um fenômeno a partir do *espírito* e *ideia* que o normatizam: “Seria desejável estabelecer uma distinção terminológica entre o princípio real, vivificante e organizador – o caráter do fenômeno - isto é, o espírito, e a ideia, que funciona como norma. Assim, faríamos uma distinção, por exemplo, entre o espírito do Islã, que está subjacente a tudo o que se desenvolve na religião islâmica, e a sua ideia. As potencialidades contidas na ideia dificilmente serão plenamente realizadas. Cada fator que influencia as ocorrências históricas impulsiona os desenvolvimentos reais em direções específicas e elimina outras possibilidades” (Wach, 1988a, p. 38, tradução nossa).

histórico e conceitual hoje reconhecidos e criticados como colonialistas e eurocêntricos. Esses traços também podem ser encontrados na diferenciação entre Ciência da Religião e Teologia proposta por Wach. Se, por um lado, ele mobiliza a ideia de que a Teologia se ocupa de uma religião específica, enquanto a Ciência da Religião se ocupa das demais religiões, por outro lado, essa fronteira disciplinar espelha uma certa blindagem sobre a religião dos pesquisadores (europeus e cristãos), uma vez que as demais religiões de outros povos (não-europeus, não-cristãos) são objeto de estudo da Ciência da Religião, menos o Cristianismo. Tal exceção conferida ao Cristianismo, não só na Ciência da Religião, mas no conjunto das Ciências Humanas nesse período, é muito mais de natureza ideológica do que motivada por alguma especificidade teórica. Ao menos no caso de Wach, é possível argumentar que ele parece estar mais interessado em demarcar um domínio de investigação científica distinto da Teologia do que em endossar alguma exclusividade do Cristianismo. Feita essa digressão, retomemos o curso de nossa cartografia.

Para Wach, embora a Teologia tenha muitas razões para cultivar o interesse no resultado do estudo das demais religiões, esse estudo caberia à disciplina que surgiu especialmente para este fim, a Ciência da Religião. Em suas palavras: “Quantitativa e qualitativamente, a Ciência da Religião tem assim um campo de estudo distinto daquele da Teologia: não a nossa própria religião, mas as religiões alheias em toda a sua multiplicidade são o seu objeto” (Wach, 1968, p. 126, tradução nossa). Somado a isso, Wach defende que o direito de existência da disciplina não reside em elencar um conjunto de curiosidades sobre as religiões, tão pouco em um estudo centrado na mera erudição. Para o autor, a vitalidade da Ciência da Religião se expressa na medida em que ela reconhece a natureza dinâmica da religião e admite que apesar de ter como pretensão apreender o objeto religião em sua totalidade, essa meta nunca é plenamente atingida: “o seu objetivo nunca será alcançado e nunca poderá expressar suficientemente aquilo que espera expressar. Para o estudo das expressões religiosas, isso significa uma tarefa sem fim” (Wach, 1968, p. 127, tradução nossa). Ligado a isso, a Ciência da Religião também possuiria um aspecto *positivo*, no sentido de que ela não nutriria uma crítica negativa em relação às religiões, velando uma posição antirreligiosa sob a modalidade de um estudo acadêmico, tal como o Positivismo. Segundo o autor:

[...] a Ciência da Religião na sua verdadeira intenção não dissolve valores, mas procura valores. O sentido do numinoso não se extingue por ela, mas, pelo contrário, é despertado, fortalecido, moldado e enriquecido por ela. E à medida que a investigação nas religiões revela o sentimento, o desejo e a ação religiosos, ajuda a revelar mais plenamente a profundidade e a amplitude a que a religiosidade pode irradiar (Wach, 1968, p. 127, tradução nossa).

Em síntese, esse aspecto positivo da Ciência da Religião, a compreensão dos valores religiosos, isto é, o sentido do numinoso¹⁰, traria como benefício para aqueles que se interessam pela disciplina uma apreensão mais empática dos fenômenos religiosos observados. Por sua vez,

¹⁰ O sentido do numinoso, ou o *sensus numinis*, é uma referência ao teólogo Rudolf Otto. Ainda que não seja um cientista da religião em um sentido estrito, sua obra *O sagrado (Das Heilige)* exerceu forte influência na Ciência da Religião. A ideia de religião como experiência do sagrado, tal como formulada por Otto, era muito cara ao pensamento de Wach por ele entender que essa conceituação “acentua o caráter objetivo da experiência religiosa em contraste com as teorias psicológicas da sua natureza puramente subjetiva (ilusória) que são sustentadas geralmente entre antropólogos” (Wach, 1990, p. 25).

isso leva a um segundo aspecto que marcaria o direito de existência da Ciência da Religião, seu aspecto *prático*, pensado por Wach no sentido de um fortalecimento da fé pessoal. Em suas palavras: “Qual é então o significado prático da Ciência da Religião? Amplia e aprofunda o *sensus numinis*, o sentimento e a compreensão religiosa; prepara para uma concepção mais profunda da própria fé; permite uma experiência nova e abrangente do que as religiões são e significam” (Wach, 1968, p. 127, tradução nossa). Essa defesa de Wach sobre os aspectos positivo e prático da disciplina, devemos ressaltar, busca muito mais justificar o direito de existência da disciplina diante do contexto em que ele escreve (o artigo é publicado em uma revista sobre missiologia, majoritariamente destinada a leitores cristãos e alemães), respondendo à *problemática ideológica* da disciplina, isto é, sua função social, do que propriamente fornecer fundamentos teórico-científicos para a Ciência da Religião, ou seja, a sua *problemática científica*. Por outro lado, é essa função social que permite Wach apontar como a Ciência da Religião pode beneficiar aqueles que estão envolvidos com os estudos teológicos:

Observar a multiplicidade da vida e expressão religiosa, descobrir semelhanças e relações, não necessita, como alguns temem, ter um efeito moderador ou paralisante sobre a própria religiosidade. Pelo contrário, poderia se tornar um apoio e uma ajuda na batalha contra os poderes ímpios e alienados; deveria levar ao exame e à preservação da própria fé religiosa. O valor e o significado disso podem ser reconhecidos mais claramente através daquilo que está relacionado, mas não é idêntico (Wach, 1968, p. 128, tradução nossa).

Nesse sentido, é a defesa da dimensão compreensiva da Ciência da Religião que permite a Wach desenvolver uma linha argumentativa em favor da disciplina, sem que isso implique em conflito com os estudos teológicos ou a orientação religiosa de outrem. Pelo contrário, o trabalho comparativo e compreensivo sobre a multiplicidade das religiões, segundo o autor, teria a vantagem de ampliar o horizonte cultural do pesquisador, produzindo uma compreensão empática a respeito da própria fé e da fé dos outros¹¹. Seguindo esse raciocínio, Wach procura mostrar não só ser possível como necessária a existência de uma disciplina destinada à compreensão das diversas religiões como totalidades vivas, o que o permite retornar a questão da tarefa da Ciência da Religião, agora enfatizando o seu papel hermenêutico:

É tarefa da Ciência da Religião mostrar quão forte, quão fraco, quão duradouro é o espírito (*Geist*) de uma religião, ou como sempre em novos começos ele se manifesta externamente. A circularidade hermenêutica nisso não precisa nos assustar. Esse espírito deve ser compreendido por meio de suas expressões dogmáticas, cúltricas e sociológicas para que então possa ser pressuposto na interpretação dessas mesmas manifestações (Wach, 1968, p. 129-130, tradução nossa).

¹¹ Para Wach, aquele que se ocupa do estudo das religiões deve ter uma sensibilidade compreensiva para isso: “Parece ser um truísmo dizer que a hermenêutica exige que aquele que deseja compreender outras religiões tenha um senso (*Organ*) para a religião e, além disso, o mais amplo conhecimento e treinamento possível. Muitos ainda pensam que um desses dois pré-requisitos é suficiente” (Wach, 1968, p. 136, tradução nossa). Tal sensibilidade é evocada com mais precisão em sua tese de livre-docência: “Quem deseja compreender os pronunciamentos da lei com qualquer profundidade deve ter sensibilidade para a lei. O mundo do som musical e das imagens visuais só se revelará para quem possui senso de arte. Da mesma forma, existe um pré-requisito sem o qual ninguém compreenderá a religião: uma sensibilidade religiosa. Esta frase deve ser compreendida no sentido de uma ‘gravidez’” (Wach, 1988a, p. 30, tradução nossa).

Em síntese, esse trabalho hermenêutico da disciplina evidencia certa circularidade presente nos fenômenos religiosos, retomando teoricamente um já-dito presente na tese de livre-docência de Wach. Segundo afirma o autor, no texto de 1924, o surgimento e a morte dos fenômenos religiosos, isto é, o seu *desenvolvimento*, só podem ser compreendidos em suas particularidades quando contrastados com “um conhecimento geral do surgimento e da queda de outras realidades espirituais” (Wach, 1988a, p. 57-58, tradução nossa). Sob essa lógica, o estudo do espírito de uma religião, isto é, seu *desenvolvimento* (*Entwicklung*) e seu *ser* (*Sein*), corresponde ao trabalho conjunto dos ramos histórico e sistemático da disciplina, possibilitando uma apreensão tanto diacrônica como sincrônica dos fenômenos religiosos¹².

Dando continuidade e aprofundando essa reflexão de 1924 no texto de 1935, Wach (1968) elenca que três dificuldades se impõem no processo hermenêutico de compreensão das religiões. A primeira seria de natureza quantitativa, visto que muitas vezes a considerável distância no tempo e espaço pode nos impedir de formar uma visão coerente da expressão religiosa estudada: “Com a conseqüente falta de informação, com as descontinuidades e transformações entre as tradições ou materiais de origem, ainda se pode esperar obter uma imagem mais ou menos verdadeira das religiões do passado distante e de reinos distantes?” (Wach, 1968, p. 132, tradução nossa). A segunda dificuldade seria de teor qualitativo, acerca de como é vivenciada interiormente a experiência religiosa do crente, isto é, “a singularidade da interioridade estrangeira, que é igualmente inerente às suas expressões” (Wach, 1968, p. 132, tradução nossa) Essas dificuldades, não seriam exclusivas da Ciência da Religião, mas partilhadas por “todas as disciplinas intelectuais preocupadas com as culturas, especialmente as disciplinas históricas” (Wach, 1968, p. 132, tradução nossa). Por fim, a terceira grande dificuldade com a qual a compreensão de outras religiões deve lutar, concerne à natureza do fenômeno religioso. Trata-se da diferença específica da religião tal como é vivenciada no interior de um determinado contexto cultural e histórico¹³.

Essas três dificuldades, para o autor, levam-nos a refletir sobre as possibilidades, oportunidades e limites na compreensão das religiões, não só no âmbito da fé e da familiaridade que nos são comuns, mas sobretudo em relação àquelas que nos são desconhecidas e estrangeiras. De acordo com Wach (1968, p. 133, tradução nossa), isso nos colocaria diante de um sério problema: “o segredo da pluralidade entre as experiências religiosas. Só podemos chegar a esse problema, pois as suas considerações são uma preocupação para a Filosofia da Religião e para a Teologia”. Conforme nos alerta o autor, não é papel da Ciência da Religião tratar de questões sobre a origem ou essência da religião, mas sim compreender as religiões, sendo importante mostrar como se baseia hermeneuticamente essa possibilidade. Segundo Wach, a disciplina busca produzir uma síntese sobre os fenômenos religiosos que estuda, apresentando uma descrição e compreensão de seu sentido. Sob essa ótica, “é uma grande ajuda

¹² “O objeto da Ciência da Religião é a multiplicidade de religiões dadas empiricamente. Seus objetivos são estudá-las, compreendê-las e retratá-las. Isso acontece de duas maneiras: ‘longitudinalmente no tempo’ (diacronicamente) e em ‘seções transversais’ (sincronicamente), isto é, segundo seu desenvolvimento (*Entwicklung*) e segundo seu ser (*Sein*)” (Wach, 1988a, p. 19, tradução nossa).

¹³ “Um exemplo simples irá mostrar isso: uma missa católica romana, na qual muitas coisas estão inter-relacionadas e desconhecidas, até mesmo estranhas, para o protestante que a assiste. Se for um serviço religioso de acordo com o rito grego, copta ou armênio, a estranheza é imediatamente maior. Essa estranheza cresce novamente à medida que não encontramos mais um culto cristão, mas, por exemplo, um culto judaico, islâmico ou mesmo budista” (Wach, 1968, p. 133, tradução nossa).

para a compreensão humana que na estrutura das expressões espirituais (de experiências tão profundas como as produtivamente religiosas) exista uma continuidade surpreendente inerente (*Folgerichtigkeit*)” (Wach, 1968, p. 134, tradução nossa). Tal continuidade não estaria ausente nas estruturas dos sistemas religiosos históricos, e, por esse motivo, justificar-se-ia, na visão de Wach, a possibilidade da compreensão hermenêutica das religiões e, conseqüentemente, a existência da disciplina Ciência da Religião. Isso o permitirá apresentar a tarefa da disciplina nos seguintes termos:

A Ciência da Religião procurará alcançar com compreensão tudo o que as religiões alheias produzem de fé, costumes de culto e comunidade. Ela procurará apreender o verdadeiro significado, a intenção religiosa, da qual brota tudo isso; caso contrário, e isso ela sabe bem, terá apenas cascas vazias para mexer. A Ciência da Religião não se abstém de utilizar escalas e padrões; pelo contrário, faz muito uso delas. Ela procura superar todos os pressupostos superficiais, todas as tendências vinculativas; tenta ver os fenômenos de outras vidas religiosas; tenta compreender e honrar essa vida em sua realidade. [...] Bom senso, boas maneiras e experiência são necessários para avaliar corretamente, para avaliar, além de toda absolutização ingênua das próprias crenças e sentimentos pessoais, a qualidade religiosa entre os fenômenos particulares da vida religiosa (Wach, 1968, p. 138-139, tradução nossa).

Em síntese, a formulação da tarefa hermenêutica da Ciência da Religião consiste em compreender como as religiões produzem fé, costumes e se organizam comunitariamente, a fim de abstrair a intenção religiosa presente nessas formas de expressão – definidas anteriormente no verbete de 1930 como formas teóricas (mito, doutrina, dogma), práticas (culto, rito) e sociológicas (comunidade religiosa, congregação). Perseguir essa significação que qualifica um fenômeno como religioso, portanto, é o que marca o processo de compreensão das religiões realizado pela Ciência da Religião. Essa dimensão compreensiva da disciplina permite que ela não se restrinja ao trabalho descritivo, assim como mostra os limites do trabalho hermenêutico, a fim de que ele não se confunda com a especulação filosófica. Tal modo de avaliar as religiões também demonstra um respeito diante das religiões alheias, ao mesmo tempo que alerta para o perigo de cair do pesquisador em generalizações ingênuas.

Conforme já assinalamos, esse texto de 1935, assim como o de 1930, foram produzidos no contexto em que Wach estava ligado ao universo universitário alemão. Com sua mudança para os Estados Unidos, ocorrida ainda em 1935, acontece um redirecionamento em sua carreira e interesses de pesquisa¹⁴. Essa mudança, como veremos, reflete-se em seu modo de conceber a tarefa da Ciência da Religião.

2.3. *A Ciência da Religião e o seu papel na reflexão teológica*

A aproximação com a Teologia ganha um maior aprofundamento no texto *The place of the history of religions in the study of theology*, publicado pela primeira vez no periódico *Journal of Religion*,

¹⁴ Com o advento do nazismo na Alemanha, Wach foi perseguido devido à ascendência judaica de sua família, perdendo seu cargo de professor, migrando para os Estados Unidos da América, onde lecionou inicialmente na Brown University (1935-1944) e, posteriormente, na Universidade de Chicago (1945-1955).

no ano de 1947. Nesse ensaio, a relação entre o estudo da experiência religiosa cristã e não-cristã é retomada, agora com o intuito de pensar como a Ciência da Religião pode auxiliar à Teologia a integrar a dimensão da experiência e expressão religiosa não-cristã em sua reflexão. Lembremos que, no artigo de 1935, a ênfase se voltava para o direito de existência de uma disciplina dedicada ao estudo das religiões não-cristãs e os benefícios que dela poderiam ser colhidos, seja para a missiologia cristã, seja para o enriquecimento cultural daqueles advindos da experiência religiosa cristã. Já no artigo de 1947, a ênfase recai sobre como a reflexão teológica sistemática pode se beneficiar das pesquisas feitas pela Ciência da Religião.

Para Wach (1951), no que diz respeito ao mundo ocidental, o estudo da experiência religiosa alheia possui uma longa história, permitindo o acúmulo de um vasto conhecimento sobre o desenvolvimento e crescimento de outras religiões. Ainda que possamos questionar o resultado ou efeito do aumento desse conhecimento sobre a fé cristã no Ocidente, o fato de tal horizonte ter sido constantemente alargado é algo que, para o autor, não pode ser negado. Somado a isso, ele também afirma que foram variadas as reações teológicas em diferentes períodos e comunidades cristãs em relação a esse contato. Wach distingue ao menos três tipos principais de reação:

[...] (i) desrespeito não intencional ou intencional do material crescente no campo das religiões não-cristãs; (ii) reação negativa, isto é, negação total de que qualquer valor ou importância deva ser atribuído a essas formas de expressão da experiência quando contrastadas com as formas cristãs; e (iii) reação positiva, que assumiu diferentes formas: (a) reconhecimento da existência de algum grão de verdade nessas expressões ou oculto sob elas, juntamente com a insistência na superioridade da reivindicação cristã; (b) a conclusão de que as diversas expressões da experiência religiosa são igualmente válidas e, portanto, que o Cristianismo deve ser considerado como uma entre muitas religiões, possivelmente aquela especialmente adaptada à busca religiosa daqueles criados na sua tradição ou no ambiente que produziu; (c) atitude ascética, que tira do estudo das religiões a conclusão de que a verdade não se encontra em nenhuma delas (Wach, 1951, p. 4, tradução nossa).

Em resumo, Wach entende que a primeira posição sempre foi incapaz de fornecer contribuições construtivas na reflexão teológica, ao passo que a segunda simplesmente nega qualquer contribuição importante de fontes não-cristãs para a formação do pensamento cristão, enquanto a terceira, apesar de sustentar uma visão positiva em relação às demais religiões, “foi frequentemente alcançada no passado à custa de um enfraquecimento das convicções cristãs básicas” (Wach, 1951, p. 5, tradução nossa). Esta última ganhou força no período do Iluminismo, “marcado tanto por um interesse crescente pelas crenças não-cristãs como por um grande progresso no estudo dessas crenças, seus ritos e tradições, e por uma diminuição da substância da fé cristã” (Wach, 1951, p. 5, tradução nossa). Em decorrência desse processo e dos avanços alcançados no campo das Ciências Humanas no século XIX, houve uma maior abertura para o estudo das demais religiões, fazendo com que os resultados produzidos pela pesquisa arqueológica, histórica, filológica e antropológica fossem aplicados por teólogos e não-teólogos à religião cristã, “com o resultado de que para muitas expressões, em relação às quais a disputa pela unicidade tinha afirmada, duplas e paralelos em outras religiões pudessem ser exibidos” (Wach, 1951, p. 5, tradução nossa).

Esse movimento crítico possibilitou não só um questionamento ao modo como a Teologia era praticada até então, como também criou as condições para emergir a disciplina Religião Comparada, ou seja, a Ciência da Religião. Tal como no período do Iluminismo, Wach acredita que, na virada do século XIX para o século XX, aconteceu um movimento intelectual análogo ao vivenciado no Iluminismo, porém com desdobramentos muito distintos e até mesmo opostos:

Desde a predominância da busca histórica na Teologia no final do século XIX e no início do século XX, tornou-se aparente um novo interesse pelo pensamento “sistemático” ou construtivo; e no campo da Ciência da Religião, a preocupação com a acumulação de dados e a “comparação” indiscriminada deu lugar à tentativa de ver esses dados estrutural e funcionalmente e de compreender o seu significado religioso (Wach, 1951, p. 6, tradução nossa).

Wach entende que, nesse novo contexto, ocorre uma frequente confusão quanto à natureza e função do estudo das religiões não-cristãs, ou seja, uma confusão acerca da tarefa da Ciência da Religião. Como Wach (1951) irá pontuar, a publicação em 1917 de *O sagrado*, de Rudolf Otto, serve como um ponto referencial para essa virada nos estudos de religião: “Com essa reorientação tanto na Teologia como no estudo das religiões não-cristãs, a situação parece justificar um exame renovado do lugar da Ciência da Religião no estudo da Teologia” (Wach, 1951, p. 6, tradução nossa). Essa virada será marcada, na Ciência da Religião, pela ascensão de uma abordagem do fenômeno religioso mais focada em compreender sua estrutura e significado, ao passo que a Teologia segue uma tendência de renovação do interesse pelo pensamento sistemático. Para o autor, o ponto de contato entre Teologia e Ciência da Religião se daria entre o seguimento sistemático do estudo teológico e o trabalho comparativo da Ciência da Religião, podendo este último ser incorporado à Teologia. A fim de fazer avançar nessa aproximação, Wach procura desfazer o que entende ser uma confusão quanto à natureza e função do estudo das religiões não-cristãs comuns em seu tempo: discernir declarações de fatos e juízos de valor no estudo das religiões¹⁵. Para o autor,

Foi um erro de épocas anteriores não ter sido feita nenhuma distinção clara entre essas duas funções no estudo das religiões. Foi um erro da escola da “Religião Comparada”, na virada do século, defender a eliminação dos juízos de valor em favor de uma abordagem completamente “objetiva”. O resultado foi um relativismo insatisfatório, incapaz de contribuir para a eterna busca pela “verdade”, aquela busca que é, na verdade, o motivo principal de todo o nosso desejo de conhecimento (Wach, 1951, p. 7, tradução nossa, grifos do autor).

Segundo Wach, não haveria mais espaço para que o estudo comparado das religiões persistisse nesse tipo de erro, sendo imprescindível reconhecer que a tarefa de interpretação das expressões da experiência religiosa é composta por um duplo aspecto que deve ser metodologicamente distinguido: “primeiro, descobrir os fatos, um procedimento exclusivamente comprometido com a ideia de objetividade, e, segundo, sob a orientação do lema, *‘Tua res agitur’*, para formular e definir a nossa reação a esses fatos, ou seja, à questão da sua avaliação” (Wach, 1951, p. 7, tradução nossa). No que tange ao procedimento de apuração dos

¹⁵ “Que Muhammad foi o fundador do Islã, com tudo o que essa simples afirmação implica, é um fato que pode ser verificado com razoável certeza. Como reagir à sua pretensão de ser o ‘selo dos profetas’ não é uma questão de apuração de fatos, mas de juízo de valor” (Wach, 1951, p. 7, tradução nossa).

fatos, Wach (1951) enfatiza que esse é um processo complexo, exigindo especial atenção do pesquisador, independentemente de ele estar vinculado ao campo das ciências naturais ou ciências históricas. Tais critérios de rigor e interpretação, por seu turno, também se aplicariam ao trabalho do cientista da religião, do historiador geral e do historiador do Cristianismo:

Todas essas considerações metodológicas se aplicam ao trabalho do cientista da religião, que partilha com o historiador geral e com o estudante de história, do direito, da economia, da política, da arte ou da filosofia um assunto de carácter histórico. Seu método, no que diz respeito a esse aspecto de sua tarefa, não difere daquele do historiador do Cristianismo nas disciplinas conhecidas como história da igreja e história do pensamento e da experiência cristã, ou daquele do estudante do Antigo e do Novo Testamento. Este último deverá passar da tarefa da crítica textual à da exegese; ele se verá preocupado com a tarefa de relacionar fenômenos individuais com o sistema de conceitos, práticas e instituições que emerge dos esforços concentrados dos estudos bíblicos [...] O paralelo com o trabalho do cientista da religião é óbvio: ele também não pode ficar satisfeito com os dados isolados recolhidos a partir de um uso minucioso das fontes, mas terá de tentar determinar o seu sentido e significado, interpretando-os nos contextos indicados acima (Wach, 1951, p. 8, tradução nossa).

Em outras palavras, Wach mostra que tanto o cientista da religião como o historiador geral e o historiador do Cristianismo estão incumbidos de trabalho objetivo e interpretativo, apesar de se ocuparem de fenômenos históricos distintos. Com essa aproximação, Wach abre espaço para o que é o cerne de seu artigo: formular os critérios que devem guiar normativamente a Teologia sistemática. Ele afirma que, após a Primeira Guerra Mundial, a nova geração de teólogos que emergiu na Europa já não estava tão traída pelos estudos exclusivamente históricos, isto é, o historicismo. Para o autor, existiria, na atualidade (isto é, na década de 1940), a necessidade de redefinir o objetivo, método e posição dos estudos comparativos e da história das religiões no contexto dos estudos teológicos, a fim de fomentar um renascimento da Teologia construtiva (sistemática). Em sua visão, a abundância de material relativo às religiões não-cristãs acumulada durante o século XIX, confrontou o pensamento teológico com a difícil tarefa de combinar a compreensão e a apreciação de percepções e valores religiosos exteriores à tradição cristã, “à medida que os coletamos em nosso estudo e interpretação de religiões não-cristãs, com o esforço para reinterpretar as verdades cristãs para a nossa própria geração” (Wach, 1951, p. 14, tradução nossa).

Não nos ocuparemos em reconstituir a discussão teológica que Wach empreende a partir dos argumentos de Nathan Söderblom, William Ernest Hocking e E. L. Wenger para pensar como devem ser concebidas as tentativas de uma solução construtiva para essa problemática, mas da tarefa que a Ciência da Religião desempenha nessa questão. Para Wach (1951), tanto o teólogo como o cientista da religião precisam de uma compreensão empática do fenômeno que analisam, pois, na ausência dessa empatia, toda a engenhosidade interpretativa se torna insuficiente. Por essa razão, seria necessário um esforço conjunto dos estudantes das disciplinas entre as quais se distribui o estudo da religião. A fim de demarcar o papel dos estudos teológicos nesse processo, Wach propõe uma lista de princípios básicos para a Teologia que deveriam ser reconhecidos e claramente formulados em prolegômenos metodológicos. Dentre os princípios

listados por Wach (doze)¹⁶, alguns (quatro) envolvem uma relação mais direta com a Ciência da Religião. E, segundo indica o próprio autor, o lugar da Ciência da Religião nos estudos teológicos deve ser determinado com base nesses princípios. Dos pontos que englobam a Ciência da Religião, temos as seguintes considerações:

5. Enquanto o teólogo se esforça para interpretar as fontes acima mencionadas (ponto 1), formulando e revisando assim continuamente a apreensão cristã da verdade divina, o cientista da religião fornece um inventário abrangente, mas articulado, das variedades de expressão desta experiência.

6. Este material não pode ser considerado um extra do qual o teólogo pode ou não se aproveitar, mas é indispensável para aquela aproximação à compreensão da autorrevelação de Deus, que ele deve estabelecer como meta. Se a teologia construtiva for necessariamente, em certa medida, apologética, deve ser lembrado que a apologética genuína é inconcebível, exceto como uma discussão séria das reivindicações de todas as religiões não-cristãs (Wach, 1951, p. 28, tradução nossa).

No entendimento de Wach, a Ciência da Religião tem um papel de inventariar articuladamente as variedades de expressão da experiência religiosa cristã sobre a ideia de verdade divina, isto é, como essa tradição concebe “a revelação contínua de Deus na natureza, na história, em seu mundo e na comunidade daqueles que ele atraiu para si” (Wach, 1951, p. 28-29, tradução nossa). Segundo o autor, tal inventário é indispensável para o que o teólogo busca e tem como meta: uma aproximação da compreensão da autorrevelação de Deus que não se restrinja à religião cristã. Vejamos como ele dá continuidade a esse raciocínio nos pontos seguintes:

7. A discussão das reivindicações da religião não cristã não é da competência do cientista da religião como tal. Na medida, contudo, como os fatos fornecidos por ele permanecem sem significado para nós [teólogos] se não forem avaliados em um contexto normativo, tal avaliação tem de ser ensaiada.

8. A interpretação das expressões da experiência religiosa significa uma compreensão integral, isto é, uma investigação linguística, histórica, psicológica, tecnológica e sociológica completa, na qual é feita plena justiça à intenção da expressão e ao contexto em que ela ocorre, e em que essa expressão está relacionada com a experiência que testemunha. A comparação, um meio importante de verificar analogias e diferenças entre as diversas formas de expressão das experiências religiosas e entre as próprias experiências, não é um fim em si mesmo. A construção de tipos de religiões também não é esse fim, por mais valiosos que sejam (Wach, 1951, p. 28-29, tradução nossa).

¹⁶ Dentre esses doze princípios, os dois primeiros governam a relação com os demais: “1. A principal preocupação do teólogo cristão é ouvir, compreender e promulgar o evangelho da redenção do homem por Deus, cuja culminação ele entende ser a obra de Cristo Jesus. Suas fontes são a revelação contínua de Deus na natureza, na história, em seu mundo e na comunidade daqueles que ele atraiu para si. Tudo o que se mostra útil para a consumação dessa tarefa de interpretação e comunicação pode ser considerado pertencente à esfera da Teologia. 2. O teólogo não pode deixar de estar consciente de que, no seu infinito amor e misericórdia, Deus em nenhum momento se deixou sem testemunho. Não é competência do teólogo delimitar para o passado, presente ou futuro a atividade auto-reveladora de Deus. Ele está profundamente consciente da inadequação e do caráter provisório de toda apreensão da revelação divina, incluindo a sua própria” (Wach, 1951, p. 28-29, tradução nossa).

Para o autor, as reivindicações das religiões não-cristãs, ou seja, a discussão acerca do valor de verdade que elas reclamam para si, não é de competência do cientista da religião, no entanto, para o teólogo (posição em que Wach claramente assume nesse ensaio), é necessário avaliar normativamente essas reivindicações à luz dos critérios pensados dentro de sua tradição de fé. Sob esse viés, o estudo objetivo, comparativo e tipológico é a preparação indispensável para a avaliação do teólogo, sendo ela embasada por padrões verificados e formulados no decorrer da história da experiência cristã e do pensamento teológico. O objetivo dessa avaliação não é julgar o grau de superioridade ou inferioridade das demais religiões em relação ao Cristianismo, mas formular uma compressão das diversas religiões mais profunda e adequada do que uma compreensão religiosa centrada em si mesma, isto é, em uma única tradição.

Poderíamos argumentar até que ponto essa tarefa pode ser alcançada pela Teologia, contrapondo algo que é dito pelo próprio autor em outro momento do texto, quando afirma que a Teologia, onde quer que ocorra “tem uma dupla função: defender a sua própria posição contra outras reivindicações e aprofundar e ampliar a compreensão das percepções, experiências e normas em que se baseia” (Wach, 1951, p. 10-11, tradução nossa). Essa autodefesa que caracteriza a Teologia não seria um bloqueio para que a avaliação teológica em relação às demais religiões escape de uma valoração centrada em si mesma? Nesse ponto, a nosso ver, a *tarefa* do teólogo e do cientista da religião entra em uma relação limítrofe, não sendo possível distinguir em que medida o trabalho compreensivo defendido por Wach pode ser alcançado pela Teologia¹⁷.

Em relação às suas produções anteriores, Wach deixa de lado a defesa da autonomia e singularidade da Ciência da Religião para pensá-la na condição de uma disciplina auxiliar da Teologia. Se, por um lado, isso indica certo recuo em relação à sua defesa da Ciência da Religião, por outro lado, Wach investe na ideia de que o estudo comparado das religiões não é algo que pode ser efetuado unicamente pela Ciência da Religião, sendo necessário o diálogo com as disciplinas normativas, ou seja, a Teologia e a Filosofia da Religião, em favor do desenvolvimento de uma *compreensão integral* para tratar da experiência religiosa e suas formas de expressão – o que vai ser ensaiado em uma publicação póstuma: *The comparative study of religions* (Wach, 1958).

2.4. *A Ciência da Religião e a reflexão sobre sua prática de ensino*

On teaching history of religions é um ensaio redigido em homenagem a Gerardus van der Leeuw (1890-1950), proeminente cientista da religião holandês e amigo de Wach. O texto foi publicado pela primeira vez em 1950, no livro *Pro regno, pro sanctuario: een bundel studies en bijdragen van vrienden en vereerders bij de zestigste verjaardag van Prof. Dr. G. van der Leeuw*, um memorial em comemoração ao sexagésimo aniversário de Gerardus van der Leeuw. Esse texto é essencialmente uma apreciação da trajetória da disciplina Ciência da Religião e uma tentativa de formular princípios para direcionar o seu ensino acadêmico.

¹⁷ Parte dessa relação controversa entre o estudo comparado das religiões e a reflexão teológica, não podemos deixar de recordar, ocorre justamente quando Wach assume a cátedra de Ciência da Religião na Universidade de Chicago (1945-1955), vinculada, na época, ao departamento de Teologia.

Nesse ensaio, Wach (1988c) afirma que a história da disciplina não pode ser traçada em função de uma forma ou um método que, uma vez desenvolvido, pudesse ser transmitido de uma geração de professores à outra. Pelo contrário, a abordagem da Ciência da Religião é determinada em razão das necessidades e exigências que cada geração de pesquisadores enfrenta. Ele também pontua que sempre existiu uma variação em relação às ideias sobre seu objetivo, escopo, natureza e método da disciplina. Por esses motivos, Wach (1988) entende que a história da Ciência da Religião poderia ser dividida em ao menos quatro períodos: a) a fase em que Max Müller estabeleceu o estudo comparativo das religiões como disciplina científica; b) o período dos sucessores imediatos de Müller, destacando Cornelis Petrus Tiele; c) a escola de História da Religião (*religionsgeschichtliche Schule*), influenciada pelo historicismo; d) o início de um quarto período com a publicação de algumas obras desde a Primeira Guerra Mundial, com destaque para Nathan Söderblom e Rudolf Otto, marcando o começo de uma nova fase no desenvolvimento da Ciência da Religião e tendo como um dos principais expoentes a figura de Gerardus van der Leeuw.

Segundo o autor, os trabalhos produzidos pela terceira geração se centraram em tarefas históricas e filológicas, tendo pouco interesse em questões dogmáticas, fazendo pairar nos estudos de religião uma tendência ao relativismo no que tange a esses problemas. No entanto, a geração seguinte de pesquisadores demonstrou um interesse pelo retorno aos problemas de ordem dogmática: “A geração que lotou os auditórios no início dos anos vinte deste século não se satisfaz em ouvir o que *tinha sido* e em que se *podia* acreditar, mas perguntou em que *deveria* acreditar. A Teologia sistemática (‘dogmática’) atraiu muitos” (Wach, 1988c, p. 162, tradução nossa). No caso da Ciência da Religião, pairava a acusação de que o estudo das religiões não-cristãs levaria ao relativismo. Tal impressão, foi ocasionada “pelo entusiasmo exagerado de alguns representantes da ‘*religionsgeschichtliche Schule*’, manifestado em um período em que a orientação ultraliberal de muitos teólogos protestantes enfraqueceu a convicção religiosa de muitos cristãos” (Wach, 1988c, p. 163, tradução nossa). Para o autor, longe de colocar em perigo uma fé bem fundamentada, seja ela de tradição cristã ou não, o conhecimento de outras religiões traria um efeito benéfico, pois ajudaria na superação de fanatismos e provincianismos, além de oferecer uma compreensão aprofundada de certos elementos da própria fé, “frequentemente o resultado de estudos de mitos e formas de adoração, e de certas ênfases negligenciadas, porém, corrigíveis em nossos próprios ensinamentos e práticas” (Wach, 1988c, p. 163-164, tradução nossa).

Outra objeção, também levantada pelos opositores ao estudo das religiões não-cristãs, era que “mesmo que seja considerado desejável, não é *possível* penetrar além da acumulação de fatos e dados, nos ‘segredos’ das religiões primitivas ou orientais” (Wach, 1988c, p. 164, tradução nossa). Essa impossibilidade ocorreria em função da distância e diferença no pensamento e sentimento dos povos de tempos e lugares demasiadamente distintos do pesquisador, não permitindo uma compreensão real sobre eles. Wach traça a seguinte solução para esse problema hermenêutico:

Em primeiro lugar, é preciso dizer que, mesmo que seja impossível uma verdadeira compreensão, um bom conhecimento dos ensinamentos e práticas de um grupo religioso já marca um grande passo além dos preconceitos nascidos da ignorância que tão frequentemente tenderam a envenenar as relações entre membros de diferentes comunidades religiosas. [...] Os grupos

religiosos não são – ou certamente não o são em todos os casos – “clubes” nos quais a adesão depende do pagamento regular de quotas e de marcas externas semelhantes. Quanto mais é o espírito que forma as “marcas” de “pertencimento”, menos importante se torna o fator sociológico” (Wach, 1988c, p. 164, tradução nossa, grifos do autor).

Em resumo, o fator sociológico de pertencer a uma comunidade religiosa não é determinante, em última instância, para compreender a função da religião nesse grupo. A compreensão buscada pela Ciência da Religião é hermeneuticamente elaborada a partir da comparação sistemática das religiões. Para isso, conforme afirma o autor, é necessária uma *afinidade* (difícil de ser analisada objetivamente) por parte do pesquisador para compreender a relação entre os dados que representam a estrutura de um culto e sentir o *ethos* que prevalece em uma comunidade religiosa, “um processo no qual a indução cuidadosa e a intuição simpática têm de ser combinadas” (Wach, 1988c, p. 165, tradução nossa). Isso, por sua vez, está em consonância com o que ele afirma no texto de 1935 e em *Sociology of Religion*: “o investigador deve sentir afinidade com seu assunto, e também ser treinado para interpretar seu material com compreensão solidária” (Wach, 1990, p. 21). Em resumo, mesmo que uma compreensão total seja inalcançável, não é impossível obter uma grande compreensão da natureza da forma de expressão religiosa estudada.

Uma última objeção levantada em relação à disciplina era acerca da identidade e unidade dos estudos que constituem o trabalho do campo da Ciência da Religião. Tal unidade, segundo Wach (1988c), é difícil de ser percebida se considerarmos apenas os dados únicos (filológicos, arqueológicos, antropológicos, históricos ou sociológicos). Em seu entendimento, a unidade e identidade da disciplina pode ser reconhecida no trabalho de relacionar a descrição dos dados advindos das expressões da experiência religiosa e o trabalho de interpretação desses dados. Dito de outro modo, “a busca estritamente histórica deve ser complementada por uma busca sistemática (fenomenológica)” (Wach, 1988c, p. 165, tradução nossa). Com isso, Wach retoma a ideia, contida em sua tese de livre-docência, de que a Ciência da Religião possui dois ramos que são complementares (estudo histórico e sistemático), sendo a articulação entre eles o que marca tanto a unidade como a identidade da disciplina.

Por fim, Wach (1988c) elenca seis requisitos para o ensino da Ciência da Religião, ou seja, princípios que devem guiar o processo de instrução de alguém que se dedica academicamente à disciplina. Os três primeiros são relacionados a atitude que o estudante da disciplina deve ser conduzido a ter: a) o ensino em Ciência da Religião deve ser *integral*, no sentido de que o aluno deve ser levado “a ver os contextos mais amplos nos quais cada detalhe, pequeno ou importante, pode e deve ser colocado para se tornar significativo” (Wach, 1988c, p. 165, tradução nossa); b) o ensino em Ciência da Religião deve ser *competente*, visto que “Nenhum entusiasmo ou lealdade pode substituir o treinamento e a disciplina completos, especialmente nos métodos de pesquisa filológica e histórica. O aluno deve ser conduzido às fontes” (Wach, 1988c, p. 166, tradução nossa). Essa competência deve ser completada pelo “conhecimento da natureza da experiência religiosa, conhecimento que, afinal, é o pré-requisito indispensável para o trabalho do cientista da religião” (Wach, 1988c, p. 166, tradução nossa); c) o ensino em Ciência da Religião só pode ser fecundo se orientado por uma preocupação *existencial*. Para o autor, o estudo da religião pressupõe uma compreensão empática, uma vez que “Não há nada mais doloroso do que a tentativa indefesa de interpretação de documentos ou monumentos religiosos

por alguém que não sabe o que é ‘admiração’ ou para quem esses testemunhos da busca do homem pela comunhão com a realidade última são apenas os registros mortos da experiência de pessoas ‘doentes’ ou atrasadas” (Wach, 1988c, p. 166, tradução nossa).

Já os três últimos princípios direcionam metodologicamente a prática de pesquisa e ensino: d) o ensino em Ciência da Religião deve ser *seletivo*. Isso porque a quantidade de material acumulado no estudo das religiões desde o começo do século XIX é enorme, sendo necessário fazer escolhas. Nesse sentido, “O método tipológico será muito útil na tentativa de incluir ao estudante uma variedade de formas *representativas* de expressões da experiência religiosa” (Wach, 1988c, p. 166, tradução nossa); e) o ensino em Ciência da Religião deve ser *equilibrado*. Wach relembra que a história da disciplina é repleta de exemplos de importantes estudiosos e escolas que se dedicaram a uma ou outra forma de expressão da experiência religiosa e, em função disso, tenderam a universalizar a estrutura dessa forma de expressão para explicar a religião que estuda como um todo ou mesmo replicá-la para a totalidade das religiões. Por essa razão, é necessária uma articulação balanceada entre o estudo histórico e sistemático das religiões; f) o ensino em Ciência da Religião deve ser *imaginativo*. Isso seria um lembrete para o professor da disciplina “estar consciente da lacuna que tem de ser constantemente preenchida entre as nossas próprias formas de pensar e sentir a época e clima dos povos afastados de nós no espaço e no tempo¹⁸” (Wach, 1988c, p. 167, tradução nossa).

Esses princípios vão ajudar o autor a delinear o lugar que a disciplina deve ocupar no mundo universitário, uma vez que ainda não existia, até esse período, uma formação específica em Ciência da Religião, mas tão somente cátedras da disciplina ou departamentos que ofertavam disciplinas relacionadas ao estudo das religiões. Para Wach, isso levantava o seguinte problema prático: o dos níveis de ensino da disciplina, isto é, como ela deveria ser ofertada no contexto dos cursos de graduação e pós-graduação¹⁹. Wach (1988c, p. 168, tradução nossa) afirma que apesar de alguns programas oferecem cursos com um “tratamento tipológico de variedades de experiência religiosa; apresentação das principais religiões vivas do mundo, da vida e dos ensinamentos de líderes religiosos notáveis, etc.”, a tarefa de “traçar ‘desenvolvimentos’, de discernir tipos de estrutura e atitudes, de levantar o problema do valor e da verdade é deixada ao filósofo”, sendo necessária uma integração mínima desses temas no estudo comparado das religiões, a fim de que não só problemas epistêmicos, mas problemas metafísicos fundamentais sejam “introduzidos para superar a atomização do conhecimento, herança da era positivista”. Além disso, também seria importante contar com uma sólida base metodológica e conhecimento dos resultados dos estudos advindos de disciplinas como a Psicologia, Antropologia e Sociologia da Religião, haja vista que “algumas das principais contribuições para o estudo da história das religiões tenham sido feitas e ainda sejam feitas por estudiosos que não podem ser chamados de ‘especialistas’ na nossa área” (Wach, 1988c, p. 169, tradução nossa).

¹⁸ Para isso, disciplinas como a Psicologia, Antropologia e Sociologia seriam de grande ajuda, visto que os desenvolvimentos desses estariam intimamente relacionados, prometendo “a criação de um *estudo do homem* ao qual a investigação da sua vida religiosa tem de acrescentar uma dimensão importante, ou melhor, decisiva” (Wach, 1988c, p. 167, tradução nossa, grifos do autor).

¹⁹ Ele relata que, no contexto europeu, o ensino da Ciência da Religião ficava restrito aos cursos de pós-graduação, ao passo que no contexto norte-americano, a disciplina também poderia ser ofertada no âmbito da graduação, exigindo a produção de materiais didáticos mais adequados, algo ainda pouco explorado no período, visto que “na maioria desses manuais se encontra pouco mais do que uma justaposição de tratamentos de diferentes religiões não-cristãs” (Wach, 1988c, p. 168, tradução nossa).

Essa perspectiva integrativa no ensino da Ciência da Religião, colocando-a em diálogo com as disciplinas normativas e as Ciências Humanas e Sociais, ressalta não só uma tendência ao que décadas depois veio a ser chamado de metodologia interdisciplinar ou transdisciplinar, mas também uma orientação de pesquisa que ganhou maior ênfase nos últimos anos da carreira de Wach. Em suas últimas obras, especialmente em *The comparative study of religions*, ele defende que, pelo fato de a religião ser um fenômeno que concerne à *persona integral*, abrangendo o intelecto, a emoção e a vontade (a esfera da personalidade e valores humanos), o estudo comparado das religiões deve buscar uma *compreensão integral* da experiência religiosa e suas formas de expressão (Wach, 1958). Essa aproximação com as demais disciplinas não significaria uma dissolução dos objetivos ou especificidade da Ciência da Religião, porém que uma compreensão integral da experiência religiosa ultrapassa os limites das fronteiras disciplinares, sendo imprescindível uma iluminação recíproca das contribuições teórico-metodológicas advindas de outras disciplinas para alcançar esse propósito. Em outras palavras, a *tarefa* da Ciência da Religião de estudar, compreender e retratar a multiplicidade das religiões empíricas como totalidades vivas é um projeto que não pode prescindir de um trabalho colaborativo.

Considerações finais

Afirmávamos, no começo de nosso estudo, que o retorno a um clássico da Ciência da Religião possui a função de resgatar um importante espólio teórico-metodológico e construir de uma compreensão disciplinar do estudo comparado das religiões que o mobilize em favor das demandas enfrentadas pelos cientistas da religião brasileiros. Ao direcionarmos nossa investigação para como Joachim Wach concebe a problemática da disciplina, colocamo-nos nesse horizonte de trabalho. Para isso, mobilizamos o conceito de problemática a fim de caracterizar aquilo que demarca a singularidade de uma prática científica e o discurso teórico que lhe é subjacente. A cartografia discursiva de uma problemática, por sua vez, ocupa-se em reconhecer os elementos ideológicos em relação aos quais ela se demarca e identificar os elementos de outras disciplinas que ela absorve em sua construção. Embasados nesse ferramental, podemos identificar no que Wach nomeia como a *tarefa* da Ciência da Religião, a *problemática científica* da disciplina e como ele a estrutura e determina o seu campo investigativo. Formulada em sua tese de livre-docência, em 1924, essa problemática é retomada em quatro ensaios publicados por Wach entre as décadas de 1930 e 1950.

No primeiro ensaio, Wach reforça os pontos defendidos em sua tese, avançando em direção a um esboço de teorização da experiência religiosa e apontando para a importância do estudo comparado das religiões conferir atenção ao aspecto comunitário e social da religião. No segundo ensaio, é retomada a defesa da especificidade da disciplina, reforçando seu aspecto sistemático (ênfatizando o seu papel hermenêutico) e situando-a em um contexto acadêmico e cultural mais amplo, mostrando o aspecto aplicado da disciplina nos estudos missionários e seu valor prático para uma compreensão mais profunda da própria fé e para o respeito e empatia pelas demais religiões. Esses dois ensaios foram produzidos no contexto em que Wach estava ligado ao ambiente universitário alemão. Com sua mudança para os Estados Unidos, ocorre um redirecionamento tanto em sua carreira como em seus interesses de pesquisa, produzindo efeitos em seu modo de conceber a tarefa da Ciência da Religião.

No terceiro ensaio, formulado nessa nova conjuntura, a Ciência da Religião é pensada de modo aplicado à reflexão teológica. No entendimento de Wach, ela tem o papel de inventariar as variedades de expressão da experiência religiosa cristã sobre a ideia de verdade divina. Tal inventário seria indispensável para a avaliação do teólogo, a fim de que ele formule uma compressão das diversas religiões que não esteja centrada em uma única tradição. Diferentemente dos outros ensaios, Wach assume uma postura abertamente teológica, colocando a Ciência da Religião na posição de uma disciplina auxiliar da Teologia. Por outro lado, neste mesmo ensaio, ele investe na ideia de que o estudo comparado das religiões deve ser efetuado em diálogo com as disciplinas normativas. No quarto ensaio, Wach se concentra em refazer parte da história da Ciência da Religião e indicar as condições para o seu ensino no contexto universitário. Ele elenca princípios referentes à atitude que o estudante da disciplina deve ser conduzido a ter e os direcionamentos metodológicos para a sua prática de pesquisa e ensino. Esses princípios o ajudam a delinear o lugar que a Ciência da Religião, que ainda não constituía uma formação específica, deveria ocupar no mundo universitário. Ele defende uma perspectiva integrativa no ensino da disciplina, colocando-a em diálogo com as disciplinas normativas e as Ciências Humanas e Sociais. Isso se justificaria pelo fato de que uma compreensão integral da experiência religiosa ultrapassa os limites das fronteiras disciplinares, sendo necessário estar atento às contribuições advindas das demais disciplinas – retomando e reformulando a dimensão hermenêutica (sistemática) da Ciência da Religião apresentada no segundo e terceiro ensaios²⁰.

O modo com Wach concebe a problemática da disciplina passa inegavelmente por deslocamentos durante o período em que ele lecionou nos Estados Unidos, especialmente no que tange à aproximação com a Teologia, cuja pertinência, em certos momentos, é questionável. Sob essa ótica, existiria uma incoerência no pensamento de Wach quando contrastamos seus primeiros e últimos textos? Parece-nos oportuno retomar as palavras de Canguilhem (2022, p. 226), quando afirma que “Raramente encontramos inconsistência no pensamento de um autor quando sabemos nos tornar seu contemporâneo. Sua suposta incoerência só aparece, para seus sucessores, quando eles o julgam segundo o que estimam saber melhor do que ele”. Apesar do modo como Wach concebe a problemática da disciplina oscilar ao longo das décadas, ele mantém uma coerência interna em seu pensamento, revelando-nos sua maneira de lidar com os desafios enfrentados pelo estudo comparado das religiões na primeira metade do século XX, como a sua legitimidade entre as demais ciências, o seu direito a um espaço no mundo universitário e a elaboração de princípios para o seu ensino.

É provável que muitos dos critérios pensados por Wach para a disciplina não mais atendam às demandas por objetividade requeridas de um cientista da religião no século XXI. Todavia, isso não implica que não possamos tirar lições de sua reflexão para a nossa prática de

²⁰ Essa concepção de compreensão integral, vale ressaltar, não está em dissonância com a tese de livre-docência de Wach, pois nela a ideia de que a experiência religiosa envolve a totalidade da vida humana já é afirmada: “O estudioso das religiões nunca baseará as suas pesquisas e conclusões em material extraído apenas de uma única área da vida religiosa. Diante dele se espalham todos os fenômenos que merecem ser chamados de ‘religião’. Todo o ‘mundo da religião’ constitui o seu campo de pesquisa. Ele concebe este mundo como uma configuração única de vida, com leis e princípios próprios. Ele procura compreender a vida na forma particular de ‘vida religiosa’. Aqui, como em outros lugares, ele encontra as características arquetípicas (*Urphänomen*) de uma vida: em sua plenitude viva, a vida demonstra uma produtividade inquietante; leva à expressão em uma série interminável de formas” (Wach, 1988a, p. 20, tradução nossa).

pesquisa e ensino na atualidade: a) a história da Ciência da Religião deve ser reconstituída em razão das necessidades e exigências que cada geração de pesquisadores enfrentou, uma vez que sempre existiram variações em relação às ideias sobre o objetivo, escopo, natureza e método da disciplina; b) a vitalidade da Ciência da Religião se manifesta quando seus praticantes reconhecem a natureza dinâmica do objeto religião e, mesmo que a disciplina tenha como pretensão apreendê-lo em sua totalidade, essa meta nunca é plenamente atingida. Visto que seu objeto nunca está definitivamente esgotado, o trabalho do cientista da religião é contínuo; c) o estudo descritivo, por si mesmo, não dá conta do objeto religião, devendo ser complementado pelo estudo sistemático (seja ele de teor hermenêutico, sociológico ou fenomenológico), a fim de que a disciplina produza uma síntese contextualizada acerca do sentido dos fenômenos que estuda; d) a compreensão das formas de expressão da experiência religiosa objetivada pela Ciência da Religião é elaborada a partir da comparação sistemática das religiões. Nesse processo, é indispensável ao pesquisador o cultivo de uma empatia hermenêutica em relação aos dados e *ethos* da comunidade ou segmento religioso que analisa. Essa empatia, longe de expressar uma adesão implícita a uma religiosidade, aproxima-se do que um contemporâneo de Wach indicava: “Devemos entender os outros como indivíduos autônomos e espirituais; não devemos deixar que nossa avaliação seja determinada pelo grau de concordância ou diferença entre eles e nós mesmos” (Kristensen, 2024, p. 13). Dessa forma, talvez possamos conciliar, no nosso tempo e ao nosso modo, a exigência de um senso (*Organ*) para a religião com o amplo conhecimento e treinamento no estudo comparado das religiões, como era desejado por Wach.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

CANGUILHEM, Georges. **A formação do conceito de reflexo nos séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Córrego, 2022.

COSTA, Matheus Oliva. **Ciência da religião aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional**. 2019. 241 fl. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22356/2/Matheus%20Oliva%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

KRISTENSEN, William Brede. Fenomenologia da religião: introdução geral. **Interações**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/31771>. Acesso em: 15 mai. 2024.

MÜLLER, Friedrich Max. **Introdução à ciência da religião**. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Sur la conjoncture théorique de la psychologie sociale. **Bulletin de Psychologie**, v. 23 (4-5), n. 281, p. 290-297, 1969.

PETTAZZONI, Raffaele. O método comparativo. **Religare**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 245-265, jul. 2016.

PIEPER, Frederico. Aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil. Um estudo de caso. **NUMEN**, Juiz de Fora, v. 21, p. 232-291, 2018.

SAUSSAYE, Pierre Daniël Chantepie de la. Observações preliminares sobre fenomenologia da religião. **REVER**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 197-202, mai./ago. 2022.

SOUZA, Mailson Fernandes Cabral. **Embates epistemológicos em Ciência da Religião: a cartografia discursiva de uma prática científica**. 2023. 506 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.

TIELE, Cornelis Petrus. Conceção, objetivo e método da Ciência da Religião. São Paulo, **REVER**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, set./dez. 2018.

WACH, Joachim. The place of history of religions in the study of theology. In: WACH, Joachim. **Types of religious experience: christian and non-christian**. Chicago: The University of Chicago Press, 1951, p. 3-29.

WACH, Joachim. **The comparative study of religions**. Nova York/Londres: Columbia University Press, 1958.

WACH, Joachim. The meaning and task of the history of religions. In: WACH, Joachim. **Understanding and Believing: essays by Joachim Wach**. Westport: Greenwood Press, 1968, p. 125-141.

WACH, Joachim. The History of Religions: Theoretical Prolegomena to Its Foundation as a Scholarly Discipline (1924). In: WACH, Joachim. **Introduction to the history of religions: Joachim Wach**. New York: Macmillan, 1988a, p. 1-150.

WACH, Joachim. History of Religions (Religionswissenschaft). In: WACH, Joachim. **Introduction to the history of religions: Joachim Wach**. New York: Macmillan, 1988b, p. 159-167.

WACH, Joachim. On teaching history of religions. In: WACH, Joachim. **Essays in the history of religions**. Nova York/Londres: Macmillan Publishing/Collier Macmillan Publishers, 1988c, p. 161-170.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 1990.

WACH, Joachim. Os ramos da Ciência da Religião. **REVER**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 233-253, mai./ago. 2018.

Recebido em 06/07/2024

Aceito em 15/10/2024